
A AUTORIDADE DE JESUS NO EVANGELHO DE LUCAS: UM ESTUDO TEOLÓGICO DE LC 4,16-30

Frei Eurides Divino Vaz

Resumo: este artigo reflete sobre a autoridade de Jesus no Evangelho de Lucas. Jesus, depois de entrar sozinho na sinagoga de sua cidade natal, Nazaré, proclama com autoridade que é o Messias e Filho de Deus (Lc 4,18; 3, 21-22). Tal proclamação cumpre as Escrituras, conforme profetizado por Isaías 61,1-2; 58,6. A reação do povo, num primeiro momento, é de acolhida. Contudo, quando Jesus os convoca à conversão, eles o rejeitam. A metodologia seguida neste artigo consiste em constatar o tema da autoridade de Jesus presente durante sua visita a Nazaré (Lc 4,18) e ver como o mesmo se repete antes e depois da passagem em questão. Metodologia que mostra como fazer um estudo teológico em relação a outros temas presentes em outras passagens bíblicas de caráter narrativo.

Palavras-chave: autoridade, adversários, acolhida, rejeição, Nazaré

A AUTORIDADE DE JESUS

A autoridade divina de Jesus constitui-se também em outro tema que o caracteriza dentro de Lc 4,16-30. Autoridade que criou a primeira impressão sobre a sua identidade no povo presente na sinagoga (4, 20-22), conforme observamos no primeiro capítulo do presente livro¹. Depois que Jesus entra sozinho na sinagoga e revela com autoridade sua identidade (4,18a; Is 61,1), ensinando que é o cumprimento da Escritura 4,21², os seus o testemunham e admiram suas palavras. O fato de que Jesus passa no meio dos

seus adversários e segue seu caminho (4,30), depois de convocar os seus a deixar de querer privilégios (4,28-29), também, realça a sua autoridade.

A origem da autoridade de Jesus está na sua relação única com Deus, que, já no Templo, chama de Pai (2,49). Relação presente também em sua identidade como Messias, que possui o seu Espírito (4,18a), e como seu Filho bem-amado (3,22b). Assim, o seu poder de agir e o seu modo de se expressar são próprios do Messias e Filho de Deus (MARSH, [19__], p. 319). A autoridade de Jesus, presente dentro da perícopé em questão (vv.16.18-19.21.24-27.30), é também freqüente ao longo do Evangelho de Lucas.

Jesus realiza seu ministério público ao longo do Evangelho de Lucas por meio de sua autoridade³. Diante dela, duas reações são constatadas: seus adversários se sentem ofendidos e ameaçados e seus discípulos impressionados. As ações e o ensinamento de Jesus, exercidos com autoridade messiânica durante o exercício de seu ministério, provocam a controvérsia ou conflito com os líderes religiosos de seu tempo. Os seguidores, amigos e antagonistas de Jesus são atraídos por causa de sua autoridade que faz com que sua fama como pessoa seja conhecida por toda parte.

Jesus revela sua autoridade messiânica dentro da referida perícopé por meio de suas ações e palavras. Assim, além de nos concentrarmos nos momentos em que ele demonstra sua autoridade por meio de palavras e ações em nosso texto e ao longo do Evangelho, acenaremos ainda sobre outros aspectos de sua vida pública, sobretudo seus milagres⁴. Em seguida, verificaremos a autoridade com a qual ele perdoa os pecados (5,17-26), bem como a reação dos que estão presentes, especialmente os fariseus e escribas. Por fim, constataremos como seus adversários, indispostos a mudar de mentalidade, questionam sobre a origem ou fonte de sua autoridade.

Jesus Exerce sua Autoridade em Palavras e Ações

A autoridade de Jesus ocorre de modo implícito pelo menos em dois momentos na perícopé em questão (4,16-30). Ela está presente dentro de um contexto de ensinamento (vv.18-19.21.24-27)⁵, bem como de ação (vv.16.30)⁶.

Lucas não diz explicitamente se Jesus ensinava, pois já o fizera anteriormente (4,15). Contudo, o conteúdo de tal ensinamento é revelado por ele mesmo. O seu modo de agir e expressar-se com autoridade divina provocam, inicialmente, uma reação de acolhida (4,22; v.20) a qual se transforma em rejeição (vv.28-29; 30), por causa de seu convite a uma fé autêntica (vv.24-27). Uma vez que a perícopé veiculada coloca em evidência a autoridade sobrenatural de Jesus por meio de palavras e ações, ela se torna

programática para o Evangelho de Lucas. O fato de que tal autoridade é comprovada por meio de palavras que não estão separadas das ações caracteriza a pessoa de Jesus.

Ao ensinar

Podemos constatar a alusão à autoridade de Jesus em Lucas, mesmo antes da perícopes em referência (4,16-30). Quando Jesus tinha apenas doze anos, seus pais vão a Jerusalém para a festa da Páscoa, o que faziam todos os anos (2,41-52). Uma vez tendo subido a Jerusalém, o menino Jesus se perde e é encontrado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os (2,43.46) (TANNEHILL, 1986, p. 53), os quais ficam extasiados com a sua inteligência e as suas respostas (v.47). A resposta de Jesus aos seus pais, que o procuravam aflitos (v.48), nos faz constatar uma autoridade não apenas humana, mas também de caráter sobrenatural: por que me procuráveis? Não sabeis que devo estar na casa de meu Pai? (2,49)⁸. Durante as tentações (4,1-13), Jesus também demonstra sua autoridade de Filho de Deus, tendo-o como único alimento (v.4), estando disposto a adorá-lo, prestar culto somente a ele (v.8) e não tentá-lo (v.12).

Em seguida, a autoridade de Jesus se mostra durante o seu ensinamento na inauguração de seu ministério público. Segundo Lucas, Jesus o começa na volta para a Galiléia, sendo impulsionado pelo Espírito Santo, e sua fama se espalha por toda a região circunvizinha (4,14)⁹. Neste seu peregrinar, ele ensinava nas sinagogas e era louvado por todos (v.15).

Logo após, Lucas insere em sua narrativa a perícopes em foco (4,16-30). Ela é caracterizada pela presença e manifestação da autoridade de Jesus durante seu ensinamento, seja quando ele é acolhido com fé pelos seus, seja quando é rejeitado pela indisposição dos mesmos em mudar de mentalidade. Em Lucas, de um modo geral, os termos ensinamento e autoridade são reservados somente para Jesus. Os seus discípulos, uma vez enviados, também agem com autoridade. Uma vez que em nosso texto o ensinamento com autoridade de Jesus indica um caráter programático, de agora em diante seu ensinamento será sempre realizado com autoridade ou poder. Mas se a sua ação de ensinar com autoridade provoca a admiração do povo¹⁰, ela mesma revela ao longo de seu ministério um imenso conflito com seus adversários.

Jesus, ao contrário dos profetas do AT¹¹, introduz sua mensagem dizendo: “em verdade eu vos digo”¹². Trata-se de uma declaração solene que indica uma linguagem cristológica implícita proferida com autoridade¹³. O comandamento de Jesus a ouvir ou escutar seu ensinamento também indica sua autoridade (8,8)¹⁴.

Assim, o ensinamento e discurso de Jesus são marcados pela sua autoridade divina que, inicialmente, é motivo de admiração para muitos: o povo presente na sinagoga (4,22; 5,26); as multidões fora (8,4); os discípulos em particular (18,26) ou os que se encontram dentro do Templo (19,48). Mas mesmo que seus adversários inicialmente se disponham em acreditar na sua autoridade messiânica (4,22; 5,26), depois que ele os convida a uma mudança de comportamento, eles passam a rejeitá-lo (4,28-29; 6,11; 11,53-54; 20,19).

Ao libertar os oprimidos

Depois de verificarmos como a autoridade divina de Jesus é constatada por meio de suas palavras e ações em 4,16-30 e exposto sobre sua ocorrência ao longo de seu ministério de ensinar, refletiremos sobre a presença da mesma na sua ação de libertar os oprimidos (exorcizar). O modo como os espíritos impuros se comportam diante de sua ação torna ainda mais evidente a sua autoridade messiânica.

Jesus, na perícopie em questão (4,16-30), revela que foi ungido para dar aos seus os benefícios messiânicos e que um destes benefícios consiste em libertar os que estão oprimidos (v.18c)¹⁵. Ao longo do seu ministério público, ele começa a colocar em prática seu ensinamento (TANNEHILL, 1986, 62). Em Cafarnaum, por exemplo, a autoridade de Jesus foi desafiada por meio do poder do mal (4,31-37)¹⁶. Mas ele transforma suas palavras em ações, expulsando o espírito impuro do homem possesso e restabelecendo sua saúde, demonstrando sua autoridade e poder messiânico (4,31-37). Sua ação, sem o uso normal de técnicas de exorcismo, provoca um resultado positivo imediato (v.35b), bem como a reação dos presentes (v.36). Jesus indica com sua ação que o Reino de Deus começa a se fazer presente no mundo (4,19)¹⁷. E ele, por meio de sua autoridade messiânica, dá a seus discípulos a mesma autoridade sobre os espíritos impuros ou demônios (9,1). Autoridade que consiste em um importante aspecto de sua vida e de sua missão (19,12).

Do mesmo modo se verificam também outros casos semelhantes (8,26-39; 9,37-43a). Assim, podemos concluir dizendo que a autoridade de Jesus não se resume somente em palavras, mas também em ações, ou melhor, em palavras que se complementam em suas ações.

Ao perdoar pecados (5,17-26)

A partir de agora passamos a refletir sobre um dos mais importantes aspectos da autoridade messiânica de Jesus, o qual se dá na sua missão de

perdoar os pecados. O contexto propício para constatar a mesma é aquele da cura do paralítico (5,17-26). Basta comparar esta perícopes com a perícopes em questão (4,16-30) para verificar a proximidade das palavras e ações de Jesus. Em tal comparação também se constata a demonstração de sua autoridade por meio de palavras e ações¹⁸. Com efeito, a autoridade de Jesus em proclamar a todos os presentes na sinagoga de Nazaré, por meio de palavras, que ele é o Messias, o qual foi ungido no Batismo por meio do Espírito Santo e enviado para beneficiar o seu povo (4,18-19), é confirmada através da ação realizada logo a seguir (5,20.24)¹⁹.

Lucas narra pelos menos cinco histórias de conflitos entre Jesus e seus adversários (5,17-6,11). A perícopes que trata sobre a cura do paralítico é a primeira entre estas e indica que o conflito está para iniciar-se, apesar da admiração de seus adversários diante do perdão dado e cura realizada por Jesus (5,26). Em tais histórias de conflitos se constata a autoridade de Jesus, bem como a indisposição inicial dos líderes judaicos em mudar de vida (4,28-29)²⁰.

Achando-se em uma casa em Cafarnaum, Jesus viu quatro homens que, após terem retirado as telhas do teto, descem um paralítico em um catre, colocando-o diante dele pois não encontraram uma outra forma de fazê-lo por causa da multidão²¹. E é a fé deles que chama a atenção de Jesus e provoca seu comandamento: “homem²², teus pecados te estão perdoados” (5,21). A autoridade de Jesus ao pronunciar tal declaração é evidente (MARSHAL, 1978, 210)²³. Ela é colocada em evidência por meio do verbo disse. Já o perfeito, passivo (estão perdoados), nos faz constatar a ação de perdoar pecados cumprida no passado por Deus, agora atualizada por meio de seu Ungido²⁴. Ação essa que, de acordo com o tempo verbal (perfeito), tem um valor duradouro. Assim, o perdão de Deus, concedido por meio de seu Filho, consiste num fato sempre atual.

Contudo, os fariseus e doutores da Lei, vindos de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém, que se achavam ali sentados (5,17), presenciando o fato, começam a raciocinar sobre a autoridade de perdoar pecados de Jesus (5,21; 11,15)²⁵. Eles acusam-no de blasfêmia por lançar mão de uma prerrogativa exclusiva de Deus no passado, de acordo com a tradição judaica, cuja pena é o apedrejamento (Lv 24,15ss)²⁶. Entretanto, o que eles questionavam entre si é percebido imediatamente por Jesus²⁷. A sua resposta é dada de maneira categórica e com autoridade: “para que saibais que o Filho do Homem²⁸ tem o poder de perdoar pecados na terra” (5,24). Podemos notar um contraste entre os termos poder (v.21) e autoridade (v.24)²⁹. Ele indica que o Filho do Homem não tem somente o poder, mas também a autoridade de perdoar pecados. Neste sentido, Jesus estabelece

uma relação entre céu e terra, ao dizer que o único que tem poder de perdoar pecados “nos céus”, está presente por meio de seu Messias e Filho para perdoar pecados “na terra” (v.24) (MARSHALL, 1978, p. 210-1)³⁰.

Jesus, usando de sua autoridade divina, comanda em seguida ao paraplético: “eu te ordeno, levanta-te, toma teu leito e vai para tua casa” (5,24). Ele não somente tem o poder de perdoar os pecados do paraplético, o que faz em primeiro lugar, mas também de curá-lo, o que faz para demonstrar sua autoridade messiânica e divina. Nesse sentido “é no ato da cura do paraplético que se verifica a *evxousiá*, a de perdoar pecados” (BUDESHEIM, 1971, p. 191).

A Autoridade de Jesus em Questão (20,1-8)

O ponto culminante da discussão sobre a autoridade de Jesus no Evangelho de Lucas está presente nesta quinta seção (19,28–21,38) a qual trata especificamente sobre o seu ministério em Jerusalém³¹. Aqui, os representantes do Sinédrio³², ou seja, os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos, indispostos à mudança de mentalidade, questionam Jesus no Templo³³ sobre a autoridade de suas ações (At 4,1-22; esp. 5-7). Eles fazem duas perguntas com a intenção de saber sobre a proveniência de sua autoridade (20,2). Jesus já lhes tinha dado a resposta (4,18a; 5,24; 3,22), e invés de responder-lhes diretamente, lhes faz uma outra pergunta (20,3-4) (MURRAY, 1984, p. 272). Indispostos a mudar de vida, eles não quiseram responder (vv.5-7), sendo que Jesus também não se dispõe a esclarecer-lhes sobre a origem de sua autoridade (v.8). No fundo, eles sabiam a resposta, e se tivessem respondido acertadamente à pergunta de Jesus, com certeza teriam a confirmação da questão colocada. Contudo, na parábola dos vinhateiros homicidas, narrada logo em seguida (20,9-19), Jesus explica-lhes que a indisposição em mudar de vida lhes impossibilitara aceitar a sua autoridade divina, e por isso o expulsam para fora da vinha e o matam (20,15; 4,28-29).

O questionamento sobre a autoridade de Jesus

Os representantes do Sinédrio, indispostos à conversão, se aproximam de Jesus, enquanto ele estava ensinando ao povo a Boa-Nova no Templo, com a finalidade de questioná-lo sobre sua autoridade (20,1-8). O conteúdo da pergunta feita pelos seus adversários é: “com que autoridade fazes estas coisas, ou quem é que te concedeu esta autoridade?” (20,2) (FITZMYER, 1970, p. 1274-5; MURRAY, 1984, p. 272). Estamos diante de duas perguntas diversas³⁴. A primeira coloca em questão a natureza da autoridade de

Jesus³⁵. Já a segunda se preocupa em saber sobre quem lhe deu tal autoridade, ou melhor, sobre qual é a origem da mesma. A primeira questão se refere ao conflito entre a autoridade do Sinédrio sobre o Templo e a autoridade de Jesus em fazer o que está fazendo (MARSHALL, 1978, p. 724-5). Já a segunda diz respeito à sua missão. No fundo as duas questões colocadas em Lc 20,2 evocam a questão cristológica fundamental sobre a pessoa de Jesus, bem como sobre sua missão. E a resposta já fora dada anteriormente, quando Jesus já tinha revelado a natureza e origem de sua autoridade messiânica (4,18a; 3,22; 5,24; 19,35). Por assim ser, foi Deus que o ungiu e enviou para realizar diversas tarefas.

Por um lado, a sua missão ou as “coisas que ele faz” (20,2) diz respeito ao contexto anterior (19,45-46; Jo 2,13-22), ou seja, se refere à sua ação (expulsão dos vendedores) (HULTGREN, 1979, p. 71-2; TROCME, 1969, p. 1-22) e ensinamento cotidiano no Templo (20,47) (MARSHALL, 1978, p. 725). Por outro lado, a expressão estas coisas pode estar conectada com autoridade. Nesse sentido, ela encontra seu significado em um contexto mais amplo dentro do Evangelho de Lucas. Assim, estas coisas se refeririam ao inteiro ministério de palavras e ações de Jesus, realizadas até o presente momento da narrativa. Desse modo, nesse momento da narrativa lucana a conexão de estas coisas com autoridade revela o clímax a respeito da autoridade de Jesus.

Com efeito, desde o início, o conflito e ofensas entre Jesus e os líderes religiosos têm como um dos fundamentos a sua autoridade, a partir da qual ele convoca-os a mudar de mentalidade (4,28-29.32; 5,17-6,11; 11,14-23; 19,45-48). Por isso, eles o desafiam durante o exercício de seu ministério exercido com autoridade no Templo (19,47-48; 20,1.19; 5,21; 11,15) e também o acusam e o conduzem à morte (22,1.47.54; 23,1.35; 9,22; 18,31; 4,28-29)³⁶.

O modo como Jesus reage

Jesus não responde imediatamente à pergunta dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos. Isso não quer dizer que ele não sabia a resposta (4,18a; 9,21; 19,40). Contudo, por meio de uma outra pergunta feita com autoridade (GRASSO, 1986, 510) ele procura fazer com que seus questionadores confirmem a resposta que já sabiam (STR-BIL, [19_ _], p. 861-2)³⁷. Sua autoridade também é constatada quando ele condiciona sua pergunta por meio da réplica deles (20,3). Por outro lado, Jesus lhes dá duas alternativas (v.4). Por fim, sua recusa em responder-lhes também confirma sua autori-

dade (v.8)³⁸. Em relação ao batismo de João, no v.4, Jesus questiona seus adversários se o mesmo vinha do céu (STR-BIL, [19_ _], p. 862-5)³⁹ ou dos homens.

A atividade de João Batista foi exercida por meio de palavras e ações (3,7-18). A referência que Jesus faz ao seu batismo retoma o todo de tal atividade. A mesma pode ser resumida em duas: o seu batismo que tinha como finalidade convocar ao arrependimento para o perdão dos pecados e o testemunho que ele deu de Jesus. Estas duas atividades se entrelaçam em seu ministério como um todo (MARSHALL, 1978, p. 725)⁴⁰.

O modo como as autoridades religiosas respondem

Os adversários de Jesus permaneceram em uma situação embaraçosa diante da sua pergunta. Eles se encontram em um dilema, pois de um lado serão tidos como incrédulos se não reconhecerem a autoridade profética de João. De outro, eles são impelidos a responder a própria pergunta colocada inicialmente (20,2), reconhecendo que a sua autoridade messiânica vem de Deus (4,22; 5,26) (GRASSO, 1986, p. 511). E os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos têm um motivo para não dar a resposta correta: não é porque não a sabem, mas porque indispostos a mudar de mentalidade, querem preservar a própria posição diante do povo (22,71). Assim, eles concluem dizendo que não sabem qual é a origem do batismo de João (20,7)⁴¹.

Se, de um lado, um dos temas da ação anterior de Jesus no Templo era o convite a uma fé mais profunda, ao mencionar o batismo de João, Jesus retoma o mesmo tema diante da pergunta de seus adversários sobre a sua autoridade. E eles mostraram a indisposição em mudar de vida em dois momentos: em relação ao batismo de João⁴² e em relação à pessoa de Jesus. Isso porque questionam sobre a origem de sua autoridade. Se de uma parte os adversários de Jesus tinham demonstrado indisposição em mudar de mentalidade diante do convite de João Batista ao arrependimento, de outra, os representantes do Sinédrio fazem o mesmo diante de Jesus (At 2,14-41; esp. v.38). A causa é: indecisão e insinceridade, sinais da indisposição em converter-se. O batismo de João tem sua proveniência dos céus. O próprio povo dá testemunho disso, pois estava convicto que João era um profeta. O fato de que os adversários de Jesus temem não dar testemunho do mesmo para não serem apedrejados pelo povo, também é uma prova da indisposição deles em mudar de vida (MARSHALL, 1978, p. 725). Assim, bastava reconhecer a proveniência do batismo de João para que respondessem à própria pergunta, chegando à conclusão de que a autoridade de Jesus só tem

uma fonte. Trata-se de Deus, que o ungiu por meio do Espírito Santo com a finalidade de distribuir os benefícios messiânicos.

O modo como Jesus responde

Jesus recusa-se a responder à pergunta dos representantes do Sinédrio, ou seja, dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos. E tinha um motivo justo para tal: eles também não cumpriram a proposta colocada por ele. Porém, mesmo que seus adversários tenham se recusado a responder à sua pergunta, tal atitude confirma sua própria autoridade (GRASSO, 1986, p. 510). No fundo, a resposta acertada deles, reconhecendo que o batismo de João tem proveniência do céu, confirmaria que a origem da autoridade de Jesus é Deus⁴³. Porém, não reconhecem nem uma coisa, e nem outra, pois sabiam que se o fizessem, de um jeito ou de outro, seriam condenados ao apedrejamento.

No contexto seguinte Jesus narra ao povo a parábola dos vinhateiros homicidas (20,9-19). Nela explica-lhes que, depois de ser enviado com autoridade messiânica (4,18a; 3,22) para convocar os seus a crer de modo sincero (20,10; 4,24-27), os líderes religiosos, indispostos a dar frutos de conversão, o expulsam da vinha e o matam (20,15; 4,28-29) (FITZMYER, 1970, p. 1286). No fundo eles queriam ser beneficiados pelo Messias somente porque queriam ser os únicos herdeiros da vinha (20,14; 4,23). E como estamos diante de uma parábola, os adversários de Jesus somente não lançam a mão sobre ele para matá-lo no momento porque têm medo do povo (20,19; v.6). Mas, como tudo tinha sido programado por Lucas anteriormente (4,28-29), e chegado ao seu clímax neste momento (20,19), eles continuarão perseguindo-o até chegar ao ideal almejado.

Notas

¹ Conforme Staley (1995, p. 189), o ensinamento de Jesus é proferido com autoridade.

² Segundo Nolland (1984, p. 146) as palavras cheias de graça que provocaram a admiração dos seus, tem a ver com o cumprimento da Escritura. Pérez (1980, p. 281) afirma que o que se cumpre em Lucas é a Escritura e não o tempo.

³ Para maiores detalhes, cf. Shae (1974, p. 1,29).

⁴ Segundo Sisti (1984, p. 25) a autoridade de Deus está presente em Jesus no desenvolver de sua missão. Autoridade essa que se faz presente justamente porque ele está sob o influxo do Espírito Santo.

⁵ Segundo Staley (1995, p. 189) o ensinamento de Jesus é proferido com autoridade.

⁶ De acordo com Aletti (1991, p. 40) o fato de que Jesus é o personagem principal, e toma a iniciativa na realização de quase todas as ações na perícopes em questão revela sua autoridade, a qual será novamente enfatizada logo após o episódio de Nazaré (4,32.36). Cf. também Marshall (1978, p. 178).

- ⁷ A inteligência e sabedoria de Jesus são conseqüências de sua relação com Deus.
- ⁸ Segundo Stock (1986, p. 120) Jesus exprime aqui um conhecimento todo particular, de ter Deus como Pai e de estar em maneira absolutamente vinculada sob a vontade do Pai (a tradução é minha).
- ⁹ Em Marcos, Jesus começa sua missão pregando (1,14.38.39) imediatamente o Evangelho de Deus, com o duplo comandamento que convoca a converter-se e a acreditar no mesmo, o que acontece de modo diferente em Lucas.
- ¹⁰ É interessante notar que a partir de Lc 4,22.30, onde quer que Jesus se encontre ensinando, a admiração, espanto ou louvor do povo, dos seus adversários ou de seus discípulos também estão presentes: 4,32.36; 19,48; 20,21.26 (Mc 1,22.27; 6,2; 10,24.26; 11,18; Mt 7,28; 13,54; 19,25; 22,33).
- ¹¹ Os profetas no AT começavam a transmitir a mensagem divina usando a expressão assim diz o Senhor.
- ¹² Tal expressão introdutória do discurso de Jesus ocorre 5x ao longo do Evangelho de Lucas (Mc 13x; Mt 32x; em Jo esta expressão aparece sempre na seguinte forma “em verdade vos digo”: 4,24; 12,37; 18,17.29; 21,32. Em Lucas encontramos também as seguintes expressões: “mas em verdade vos digo” (4,25); “sim vos digo” (7,26; 11,51; 12,5); “vos asseguro que” (12,44; 21,3) e com muita freqüência se constata a expressão “digo-vos” (7,9.28; 10,12; 11,8; 12,22.51; 13,3.5.24; 15,5.10; 17,34; 18,8.14; 19,26.40; 20,8).
- ¹³ Cf. Anderson (1988, p. 298); Jeremias (1971, p. 35-7); Schlier ([19_ _], p. 337-8).
- ¹⁴ Cf. Panimolle ([19_ _], p. 95-119); cf. também o modo como Deus comanda com autoridade aos discípulos de Jesus para que o ouçam: «ouçam-o» (9,35). Cf. ainda Marshall (1978, p. 388).
- ¹⁵ Segundo Staley (1995, p. 188) uma das missões de Jesus consiste em libertar os cativos.
- ¹⁶ Em Nazaré a autoridade de Jesus foi desafiada pelos seus que, depois do seu ensinamento, indispostos à conversão provocam um atentado contra sua vida (4,28-29).
- ¹⁷ O começo do papel de Deus dentro do mundo começa a se fazer presente por meio da libertação dos oprimidos (exorcismos), realizada através de seu unguido, o que mostra o seu caráter divino e a natureza do seu ministério. Cf. Page (1995, p. 140).
- ¹⁸ Foi constatado que existe uma proximidade narrativa e conexão temática entre 4,16-30 e 5,17-26. Através de tal proximidade o evangelista reforça a *exousia*-criológica fundada em 4,16-30. Com efeito, a missão messiânica de Jesus, bem como sua divina relação filial reveladas em Nazaré (4,18-19), revelam por elas mesmas que a mais importante característica da autoridade de Jesus consiste em perdoar os pecados (5,20). O que torna presente no mundo o ano de Graça do Senhor (4,19).
- ¹⁹ Sisti (1984, p. 19) diz que a missão de Jesus de libertar os oprimidos tem a ver com a sua missão de perdoar pecados. Cf. também Dupont (1978, p. 160).
- ²⁰ De acordo com a tradição sinótica, existe uma questão básica em toda história de controvérsia. Questão que tem a ver com a autoridade de Jesus. Autoridade que é fundada pela referência à atividade terrestre dele como Filho do Homem e Messias. Cf. Tödt (1965, p. 113-25, 138).
- ²¹ Este relato encontra seu paralelo em At 3,1-10, onde quem exerce o milagre é Pedro e em At 14,8-18, onde o sujeito da ação é Paulo. O primeiro milagre é dirigido aos judeus e o segundo aos pagãos.
- ²² Jesus não se refere ao paralítico com afeto ou mesmo com um tratamento familiar indicando uma relação filial meu filho (Mc 2,5; 10,24), mas sim o chama de homem. Tratamento que indica o perdão que ele veio trazer não somente ao paralítico, mas a toda humanidade.
- ²³ Cf. Marshall (1978, p. 210). A autoridade de Jesus não se reserva somente à remissão dos pecados, mas também caracteriza outros aspectos do seu envio, seja durante a sua atividade didática (Lc 4,32; 4,18-19; 24,27), seja durante a sua ação de curar (Lc 4,36; 5,24; 4,18-19).
- ²⁴ Tal verbo diz respeito ao passivo teológico e pode ser entendido como Deus perdoa teus pecados. Entretanto, mais do que isso, tal evento histórico significa que por meio do seu Messias, Deus dá à humanidade o perdão, ou seja, a reconciliação da criatura com o Criador se tornou novamente possível. O que quer dizer que o acesso ao céu foi novamente aberto por meio de seu Filho e Messias (23,45). Evento que, conforme indica o tempo verbal, não se deu apenas no passado, mas trata-se de uma ação contínua.
- ²⁵ O verbo pensar pode ter dois sentidos: ser usado para designar raciocínios interiores, no fundo do coração, ou questionamentos exteriores.

- ²⁶ Contudo, em Lucas as acusações contra Jesus, as quais o levaram à morte, não terão como base apenas a blasfêmia (Mc 14,64). Segundo Lucas, os blasfemadores serão aqueles que não se dispõem a mudar de vida, no caso os guardas (22,65), os chefes (23,35), os soldados (23,36) e um dos malfeitores suspensos à cruz ao lado de Jesus (23,39). As acusações, em Lucas, são de que Jesus subvertia a nação com seu ensinamento, impedia que se pagassem os impostos a César e pretendia ser Cristo Rei (23,2).
- ²⁷ A partir de sua onisciência como narrador Lucas sabe o que Jesus sabe, mesmo que ele não tenha dito nada. Jesus, por sua vez, sabe o que os escribas e fariseus estão pensando, o que também é do conhecimento de Lucas. Nesse sentido, um dos importantes aspectos da narrativa lucana é que entre todos os poderes de Jesus, um dos mais fortes é o da perspicácia, o qual é próprio de Deus (Exemplo, 1Sm 16,7; 1Re 8,39).
- ²⁸ A expressão Filho do Homem é usada, exclusivamente, por Jesus para descrever sua função, a qual é manifestada em sua autoridade (Mc 2,10.28), destino (Mc 8,31; 9,9.12.31; 10,33.45; 14,21[bis].41) e vinda (Mc 8,38; 13,26; 14,26). Aparecendo pela primeira vez no Evangelho de Lucas, a mesma é associada com o motivo da autoridade.
- ²⁹ Jesus é capaz e tem a autoridade para perdoar pecados, o que indica uma força cristológica presente tanto em 5,21 quanto em 5,24 (Dunn, 1990, p. 27).
- ³⁰ A questão principal para Lucas aqui é que Jesus, como Filho do Homem, tem autoridade divina sobre a terra. Marshall (1978, p. 210-1).
- ³¹ O termo autoridade aparece 5x em relação a Jesus no Evangelho de Lucas em três perícopes (4,31-37= 2x; 5,17-26= 1x; 20,1-8= 2x). A repetição do mesmo nesta perícope revela o seu peso dentro da mesma.
- ³² A menção do grupo dos chefes dos sacerdotes e escribas comparecendo juntamente é constatada em 9,22; 19,47; 20,1; 20,19; 22,2.52.66; 23,10.13. O fato de que este grupo comparece junto, indica a importância da ocasião. Constatou-se ainda a presença do servo do Sumo Sacerdote (22,50). Em 23,4 estão presentes os chefes dos sacerdotes e as multidões. Em 23,35 encontramos uma referência ao povo e aos chefes.
- ³³ O Templo é um ponto focal durante o ministério de Jesus. A palavra Templo ocorre 14x em Lucas (Mt 11x; Mc 9x; Jo 11x): 2,27.37.46; 4,9; 18,10; 19,45.47; 20,1; 21,5.37.38; 22,52.53; 24,53 (Schlosser, [19_], p. 399).
- ³⁴ Existem duas questões diferentes: a primeira delas se interessa em saber como a dinâmica força se transforma em ato, já a segunda tem a ver com a autorização da pessoa que realiza o ato (SHAE, 1974, p. 11).
- ³⁵ O foco da atenção sobre a natureza da autoridade de Jesus é dado pela expressão que introduz a questão: «por meio “de qual” autoridade». Esta poderia ser pessoal, profética, sacerdotal, real, divina ou messiânica.
- ³⁶ Se até este ponto da narrativa lucana encontramos somente uma tensão entre Jesus e os líderes religiosos judaicos, a mesma se desencadeará em sua prisão, processo e execução.
- ³⁷ A resposta de uma pergunta com uma outra faz parte de uma tática comum nas discussões rabínicas (20,20-26). Str-Bil ([19_], p. 861-2).
- ³⁸ A recusa de Jesus em responder à questão inicial dos líderes religiosos judaicos, constitui-se em uma característica do seu modo de reagir com autoridade no Evangelho de Lucas.
- ³⁹ Uma típica circunlocução para Deus ou para o nome divino está presente na palavra ouvrano,j (céus) (Str-Bil, [19_], p. 862-5).
- ⁴⁰ A resposta de Jesus sobre sua própria autoridade foi dada a partir da retomada da atividade de João Batista, o qual o previu como sendo o maior de todos (3,16). (MARSHALL, 1978, p. 725).
- ⁴¹ Uma vez que os líderes judaicos suspenderam seus julgamentos sobre que resposta dar, a decisão deles foi de evadir-se à pergunta de Jesus. Mais adiante, reforçados pelo Sinédrio, os mesmos o induzirão a confessar mais uma vez a sua origem e autoridade (22,67.70-71).
- ⁴² Dentro do contexto do testemunho que João Batista presta de Jesus, Lucas narra que os fariseus e escribas, indispostos ao arrependimento, não querendo ser batizados por João, aniquilaram para si próprios o designio de Deus (7,30). Entretanto, o povo que ouviu Jesus falar que o menor no Reino de Deus é maior do que João Batista que tinha a função de precursor do Messias (7,27-28), proclama a justiça de Deus recebendo o batismo de João (v.29), o qual prepara para o perdão que pode ser dado somente pelo Ungido de Deus.

⁴³ A autoridade de Jesus se torna evidente não apenas na pergunta colocada por ele (20,4), mas também na sua recusa em responder à pergunta de seus interlocutores (v.8).

Referências

- ALETTI, J.-N. *L'arte di raccontare Gesù Cristo*. Brescia: [s.n.], 1991.
- ANDERSON, H. Jesus: aspects of the question of his authority. In: *The Social World of Formative Christianity and Judaism*, Fs. H.C. Kee, Philadelphia, p. 290-310, 1988,
- BUDESHEIM, T. L. Jesus and the disciples in conflict with judaism. *ZNW* 62, p. 190-209, 1971.
- DUNN, J. D. G. *Jesus, Paul, and the Law. Studies in Mark and Galatians*. Louisville: [s.n.], 1990.
- DUPONT, J. Jésus annonce la Bonne Nouvelle aux pauvres. *Evangelizare Pauperibus*, Brescia, p. 127-189, 1978.
- FITZMYER, J. A. The gospel according to Luke I-IX. *AncB* 28, New York, 1970.
- FITZMYER, J. A. The gospel according to Luke X-XXIV. *AncB* 28A, New York, 1985.
- GRASSO, S. *Luca*. Traduzione e commento. Roma: [s.n.], 1986.
- HULTGREN, A. J. *Jesus and his adversaries: the form and function of the conflict stories in the synoptic tradition*. Minneapolis, 1979.
- JEREMIAS, J. *New Testament Theology*. London: [s.n.], 1971.
- MARSH, J. Authority. *IDB* I, p. 319-320, [19_ _].
- MURRAY, G. The questioning of Jesus. *DowR* 102, p. 271-275, 1984.
- NOLLAND, J. L. Words of grace (Luke 4,22). *Bib* 65, p. 44-60, 1984.
- PAGE, S. H. T. *Powers of evil: a biblical study of satan and demons*. [S.I.]: Grand Rapids, 1995.
- PANIMOLE, S. A. Fate attenzione a come ascoltate! (Lc 8,4-21). *PSV* 1, p. 95-119, 1980.
- PÉREZ, A. DEL A. El cumplimiento del Reino de Dios en la misión de Jesús: Programa del Evangelio de Lucas (4,14-44). *EstBib* 38, p. 269-293, 1979/1980.
- SCHLIER, H. avmh, n. *TDNT* I, p. 335-338, [19_ _].
- SCHLOSSER, J. La parole de Jésus sur le fin du temple. *NTS* 36, p. 398-414, 1990.
- SHAE, G. S. The question on the authority of Jesus. *NT* 16, p. 1-29, 1974.
- SISTI, A. Il tema del giubileo nell'opera di Luca. *EuntDoc* 37, p. 3-30, 1984.
- STALEY, J. L. Narrative structure in Luke 4,14-9,62. *Sem* 72, p. 173-213, 1995.
- STOCK, K. Maria nel tempio (Lc 2,22-52). *PSV* 6, p. 114-125, 1986.
- STRACK, H. L.; BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen testament aus talmud und Midrasch*, I-VI. München: [s.n.], 1965.
- TANNEHILL, R. C. *The narrative unity of Luke-Acts: a literary interpretation*. Philadelphia: [s.n.], 1986.
- TÖDT, H. *The son of man in the synoptic tradition*. Philadelphia: [s.n.], 1965.
- TROCME, E. L'expulsion des marchands du Temple. *NTS* 15, p. 1-22, 1968/1969.

Abstract: this article talks about Jesus' authority in Luke's Gospel. Jesus after enters alone in the synagogue in his native town, Nazareth, proclaims with authority that is the Messiah and Son of God (Lk 4,18; cf. 3,21-22). Proclamation that fulfills the Scripture, like was prophesized for Isaiah (Is 61,1-2; 58,6). The people's reaction, at the first time, is receptivity. However, when Jesus asks them to conversion, they reject him. The methodology used in this article consists in testifying to the theme about Jesus' authority present during his visit to Nazareth (4.18) and see how it is repeated both before and after the passage being studied.

Key words: authority, adversaries, receptivity, rejection, Nazareth

EURIDES DIVINO VAZ

Doutor em Teologia com Especialização em Bíblia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Mestre em Exegese pelo Pontifício Instituto Bíblico, Roma. *E-mail*: eurides@libero.it